

GÊNERO E DEFICIÊNCIA: EXPERIÊNCIAS CAPACITISTAS NO ACESSO DE UMA MULHER CEGA AO ENSINO SUPERIOR

Andreza Vidal Bezerra¹
Adenize Queiroz de Farias²

Resumo: O processo histórico vivenciado pelas pessoas com deficiência se desdobra na atualidade em uma série de experiências de estigma e preconceito, nomeado na hodiernidade de capacitismo. Porém, é sábio que, quando há uma intersecção do fator deficiência a outros marcadores de vulnerabilidade, estas experiências se intensificam. Nesse sentido, a presente pesquisa objetiva explicitar experiências capacitistas no acesso de mulheres com deficiência ao Ensino Superior. Para tanto, foi utilizado como metodologia a História de Vida, que por meio da narrativa de uma mulher cega foi possível perceber que apesar dos avanços no tocante às políticas afirmativas de acesso ao Ensino Superior, os desafios ainda são recorrentes, sobretudo quando trata-se de mulheres com deficiência.

Palavras-chave: Gênero. Deficiência. Capacitismo. Ensino Superior.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que por séculos as pessoas com deficiência sofreram várias formas de discriminação e preconceito em razão da configuração de seus corpos. A partir do conceito de Corponormatividade, passamos a compreender um pouco mais a respeito da origem dessa concepção depreciativa do corpo com deficiência.

Para Mello (2014) precursora do termo no Brasil, a Corponormatividade pode ser entendida como uma estrutura social que estabelece um tipo de corpo como um padrão a ser seguido, dessa maneira, aqueles que fogem desta norma, ou seja, os corpos desviantes, são considerados menos capazes.

Tal concepção também pode ser articulada a outros grupos que, assim como as pessoas com deficiência, estão mais vulneráveis em virtude da corponormatividade compulsória de nossa sociedade, é o caso das mulheres, que, no caso daquelas com deficiência acentuam-se ainda mais suas desvantagens (FARIAS, 2020).

O capacitismo, termo que vem ganhando destaque nas mídias digitais, foi idealizado com o propósito de investigar, e, além disso, nomear as atitudes de preconceito e discriminação social para com as pessoas com deficiência. Tal atitude,

a qual tem como base as ideologias corponormativas, está centrada no modelo de sociedade, cuja premissa é que pessoas com deficiência são incapazes (MELLO, 2016).

Para Andrade (2015), o capacitismo pode ser demonstrado por meio de atitudes de estranhamento/admiração ou de infantilização das pessoas com deficiência. A primeira pode ser observada por meio de ações que expressam surpresa ao ver pessoas com deficiência desempenhando com êxito ações simples do cotidiano. Já a segunda pode ser percebida através de comportamentos que imprimem uma higienização “[...] criando imagens de inocência e pureza inexistentes em quaisquer seres humanos, tenha ele uma deficiência ou não: gente com deficiência não rouba, não transa, não trai, não mente, são anjos que precisam ter sua candura preservada” (ANDRADE, 2015,S/P).

Assim como ocorre nos mais variados espaços sociais, quando conquistado o acesso ao Ensino Superior, inúmeras formas de exclusão e discriminação se maximizam para as mulheres com deficiência, o que ocorre em razão de omissões no que se refere a concretização das políticas de inclusão acessibilidade, como também através da adoção de atitudes insesiveis diante das demandas deste segmento (CORRÊA, ARAÚJO 2021 e VITÓRIO, 2016).

A invisibilidade da mulher com deficiência é tão perceptível que, ao consultar o Relatório da Educação Superior do ano de 2019, não identificamos estatísticas que quantificasse matrículas de estudantes com deficiência a partir de critérios de gênero, o que inviabilizou a observação de avanços relativos à participação de mulheres com deficiência nesta fase de ensino (BRASIL, 2019). Isso se agrava quando ao consultar o relatório mais recente, o de 2020, não se identifica sequer os estudantes público-alvo da educação especial (BRASIL, 2020).

Neste sentido, a presente pesquisa pretende explicitar experiências capacitistas no acesso de mulheres cegas ao Ensino Superior, para tanto os dados foram obtidos através de um recorte da pesquisa realizada para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: O CAPACITISMO NA EXPERIÊNCIA FEMININA: TRAJETÓRIA DE UMA ESTUDANTE CEGA NO ENSINO SUPERIOR (BEZERRA, 2021), apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o qual objetivou analisar as experiências capacitistas no percurso acadêmico da mulher com deficiência.

A fim de melhor evidenciar as experiências capacitistas no acesso de mulheres cegas ao ensino superior, apresento inicialmente o percurso metodológico utilizado neste estudo, em seguida apresentamos estudos a respeito da temática, os resultados e discussões que emergiram a partir das falas da entrevistada, e, por fim, considerações a respeito da discussão.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho tomou como base os Estudos Feministas da Deficiência, por meio do qual passamos a compreender outros aspectos da experiência da deficiência, neste caso em particular, o ser mulher.

Através da História de Vida, metodologia aqui adotada, é possível emergir aspectos individuais do passado de um sujeito, podendo, a partir disso, ter uma visão mais apurada de inúmeras problemáticas de um coletivo na atualidade (FARIAS, 2017).

Como técnica de obtenção dos dados, podemos utilizar “[...] narrativas, história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral” (ABRAHÃO, 2003, p. 80). Dentre estas, lidei com a narrativa, buscando através da trajetória de Priscilene Matias, Mulher cega e estudante do Curso de Terapia Ocupacional da UFPB, ascender não apenas as dificuldades vivenciadas por mulheres cegas no ensino superior, mas também caminhos de empoderamento individual e coletivo.

Afim de coletar os dados pretendidos, tomamos como instrumento para coleta das narrativas de Priscilene a Plataforma Google Meet, tendo em vista que a aplicação da presente pesquisa se deu em meio a pandemia estabelecida pela COVID-19.

Após a realização da coleta dos dados fez-se necessário transcrever as falas da depoente, organizando-as a partir dos eixos temáticos: Acesso, permanência, participação, aprendizagem e gênero. Especificamente no contexto deste trabalho, utilizamos apenas as falas relacionadas aos aspectos do acesso da mulher com deficiência ao ensino superior, os quais foram analisados à luz dos estudos feministas da deficiência.

Ressaltamos, por fim, que o projeto de pesquisa, o qual deu origem a este texto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa, sendo aprovado por meio de parecer número: 5.112.960, a fim de viabilizar uma maior legitimidade e rigor científico desta pesquisa. Além disso, elaborou-se um Termo Livre Esclarecido (TCLE), por meio do qual ficou acordado que, além dos dados coletados, o nome da entrevistada poderia ser divulgado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O processo de decisão do curso de graduação não é fácil, visto que há uma sensação de que esta escolha será irreversível. No caso daquelas que se tornam pessoas com deficiência ao longo da vida, alguns critérios são agregados nesse processo de escolha profissional. Com Priscilene, a depoente desta pesquisa, não foi diferente.

Quando eu tinha entre 8 e 10 anos tinha muita vontade de fazer pediatria, ninguém nunca me disse que eu não poderia fazer, aí o tempo foi passando e foi despertando em mim mesma que eu não conseguiria pelo fato de não enxergar, seria mais difícil (Entrevista, 2021).

Da mesma forma que ocorreu na história mencionada por Sidney Andrade, na qual um menino de 12 anos, de forma repentina, conclui que não pode ser um cientista por causa da deficiência, também ocorreu com Priscilene. "Em última instância, assim, eu poderia dizer-lhes que Capacitismo é essa força invisível que faz um menino de 12 anos não se sentir no direito de sonhar, porque seus olhos não estão acordo com o que um conceito construído de normalidade que se espera deles" (ANDRADE, 2015, S/P).

Assim sendo, é de maneira silenciosa e sorrateira que o Capacitismo atravessa as pessoas com deficiência, na medida em que, mesmo sem perceber como e porque, chegam à conclusão de que são inaptas para exercer uma profissão. Após a escolha por outro curso, algumas inquietações permaneceram, tais como:

Será que eu posso fazer o curso na condição de pessoa com deficiência? Será que eu vou achar muitas dificuldades pelo caminho? (Entrevista, 2021).

Após a decisão por este curso, surgiram outros obstáculos, entre os quais está o processo seletivo para ingresso na Universidade.

O primeiro obstáculo que eu enfrentei foi o ENEM. É uma prova muito desgastante. Uma hora de tempo adicional é muito pouco, porque o tempo que você gasta para passar a redação palavra por palavra, pontuação por pontuação para o leitor. (Entrevista, 2021)

O resultado do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), é aplicado por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU), como um meio de conquistar a tão desejada vaga em um curso de graduação.

Para pessoas cegas que utilizam o recurso humano, o leitor, além do que foi relatado pela depoente, os estudos de Leria et.al (2018), indicam que é possível observar a desqualificação de alguns desses profissionais, tendo em vista que, por várias vezes estes não conseguem sequer desenvolver uma leitura fluente dos textos, em especial quando existem terminologias específicas, como fórmulas químicas e matemáticas, além de demonstrar fragilidade na leitura de textos em outros idiomas.

*Lembro que na minha época foi muito complicado porque eles não autorizaram a entrada da minha reglete e do punção, como fazer uma redação sem poder fazer um rascunho e ter que ir ditando palavra por palavra? É muito desgastante.
(Entrevista, 2021)*

A reglete e o punção são ferramentas indispensáveis para a escrita braille, comumente utilizadas por pessoas cegas. O ato de não permitir a entrada de objetos como estes no Exame Nacional que exige a escrita, explicita quão inacessível se torna o acesso de estudantes cegos numa Instituição de Ensino Superior (IES). A partir dessa lógica, Silva (2020, p. 8) destaca que:

1. Mulheres com deficiência encontram mais dificuldades para ingressar na educação superior em virtude das barreiras na sua história de vida no percurso escolar.
2. A barreira atitudinal dificulta a permanência das mulheres com deficiência na educação superior.
3. As atribuições convencionais femininas não são perceptíveis quando se trata de mulheres com deficiência.
4. Há um processo contínuo de desempoderamento das mulheres com deficiência e de restrição de sua liberdade de expressão, comunicação e acesso à informação.
5. O mérito individual, na educação superior, esconde a armadilha ideia de superação.

Apesar de todas as barreiras vivenciadas por Priscilene, a mesma conseguiu ingressar no curso de Terapia Ocupacional da UFPB. Porém os entraves não cessaram, visto que a conquista de uma vaga em um curso de graduação é apenas o primeiro passo, há outros fatores que precisam ser considerados após o acesso, tais como a participação, aprendizagem e permanência, necessitando, portanto, de muita resiliência e perseverança, além de meios que lhe permitam uma acessibilidade socioeducacional.

CONSIDERAÇÕES

A partir dos dados explicitados neste trabalho, é possível concluir que, apesar dos avanços no tocante às políticas afirmativas de acesso ao Ensino Superior, os desafios ainda são recorrentes, sobretudo para os grupos que em sua estrutura corporal e identitária são marcados por mais de um indicador de vulnerabilidade, estigma e preconceito.

É nesse sentido que, a nosso ver, devemos cada dia mais incentivar discussões em torno das opressões Capacitistas e Sexistas de forma interseccional,



para que a partir disso, possa emergir novos olhares acerca das reais potencialidades das mulheres com deficiência.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *Revista História da Educação*, 2003, 7.14: 79-95.

ANDRADE, Sidney. **Capacitismo**: o que é, onde vive, como se reproduz. Asgardas, 2015.

BEZERRA, Andreza Vidal. **O capacitismo na experiência feminina**: a trajetória de uma estudante cega no ensino superior. TCC (Licenciatura em Pedagogia) UFPB/CE. João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21925>. acesso em: 12 de jul. de 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior**, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. acesso em: 12 de jul. de 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>. acesso em: 12 de jul. de 2022.

CORRÊA, Mariana Santiago Tavares; ARAÚJO, Raianny Kelly Nascimento. Acesso e permanência das mulheres com deficiência no ensino superior: Refletindo Sob a Ótica da Inclusão. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 7, p. e26510716670-e26510716670, 2021.

FARIAS, A.Q. **TRAJETÓRIAS EDUCACIONAIS DE MULHERES: UMA LEITURA INTERSECCIONAL DA DEFICIÊNCIA**. Tese (Doutorado em Educação) UFPB/CE. João Pessoa, 2017.

FARIAS, Adenize Queiroz. Para quem quer ver além: deficiência visual e empoderamento feminino. **Research, Society and Development**, 2020.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2016, 21: 3265-3276.



MELLO, Anahí Guedes de. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo**: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violência contra mulheres com deficiência. 2014. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, SC.

SILVA, Jackeline Susann Souza. A sombra da discriminação e as barreiras de gênero no cotidiano de mulheres com deficiência na universidade. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. 1-24, 2020.

VITÓRIO, Janaína Damásio. **Trajetórias de mulheres com deficiência**: do ensino superior ao mercado de trabalho sob o olhar do gênero. 2016.